



A S CONTRADIÇÕES ENVOLVIDAS NAS PRÁTICAS DE CONSUMO SUSTENTÁVEL DE ALIMENTOS

¹Marcelo de Rezende Pinto

²Luiza Farnese Lana Sarayed-Din

³Rita de Cássia Monteiro Afonso

⁴Cristine Clemente de Carvalho

RESUMO

Objetivo do Trabalho: O estudo investiga como consumidores de classe média no Brasil vivenciam, justificam e negociam as contradições presentes em suas práticas cotidianas de consumo alimentar sustentável, considerando as tensões entre discursos, intenções e comportamentos efetivos.

Metodologia: A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, interpretativista e indutiva. Os dados analisados referem-se à fase brasileira do estudo e foram coletados por meio de 31 entrevistas em profundidade e uma etnografia com 10 participantes. A análise seguiu os princípios da grounded theory construtivista.

Originalidade: Ao deslocar o foco do julgamento moral para a compreensão contextualizada das práticas, o artigo contribui para debates mais realistas e inclusivos sobre sustentabilidade alimentar, especialmente em economias emergentes.

Principais Resultados: Os achados revelam que o consumo sustentável de alimentos é marcado por ambiguidades e dilemas morais, organizados em três categorias centrais de contradições: consciente, explícita e tácita. Essas contradições emergem da interação entre valores éticos, restrições econômicas, conveniência, hábitos e contextos socioculturais.

Contribuições Teóricas: O estudo contribui para a literatura sobre consumo sustentável ao propor uma tipologia das contradições no consumo alimentar — consciente, explícita e tácita —, ampliando a compreensão do consumo sustentável como uma prática situada e marcada por tensões entre valores, contextos e restrições cotidianas.

Palavras-chave: Consumo Sustentável. Consumo Alimentar. Consumo Sustentável de Alimentos. Contradições no Consumo Alimentar.

Editor Científico: Evandro Luiz Lopes Organização Comitê

Científico Double Blind Review pelo SEER/OJS

Recebido em 12.10.2025

Aprovado em 19.01.2026

<https://doi.org/10.53946/rmrreview.v6iRMR.70>

¹Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas, Minas Gerais, (Brasil). E-mail: marcrez@hotmail.com

²Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Minas Gerais, (Brasil). E-mail: luizafarnese@ufmg.br

³ Faculdade de Administração e Ciências Contábeis - FACC na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, (Brasil). E-mail: afonso.m.rita@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, (Brasil). E-mail: cristine.c.carvalho@gmail.com

T HE CONTRADICTIONS INVOLVED IN SUSTAINABLE FOOD CONSUMPTION PRACTICES

ABSTRACT

Objective: This study investigates how middle-class consumers in Brazil experience, justify, and negotiate the contradictions present in their daily sustainable food consumption practices, considering the tensions between discourses, intentions, and actual behaviors.

Methodology: This research adopts a qualitative, interpretative, and inductive approach. The data analyzed refer to the Brazilian phase of the study and were collected through 31 in-depth interviews and an ethnography with 10 participants. The analysis followed the principles of constructivist grounded theory.

Originality: By shifting the focus from moral judgment to a contextualized understanding of practices, the article contributes to more realistic and inclusive debates on food sustainability, especially in emerging economies.

Main results: The findings reveal that sustainable food consumption is marked by ambiguities and moral dilemmas, organized into three central categories of contradictions: conscious, explicit, and tacit. These contradictions emerge from the interaction between ethical values, economic constraints, convenience, habits, and sociocultural contexts.

Theoretical Contributions: This study contributes to the literature on sustainable consumption by proposing a typology of contradictions in food consumption—conscious, explicit, and tacit—broadening the understanding of sustainable consumption as a situated practice marked by tensions between values, contexts, and everyday constraints.

Keywords: Sustainable Consumption. Food Consumption. Sustainable Food Consumption. Contradictions in Food Consumption.

INTRODUÇÃO

O consumo sustentável de alimentos tornou-se um dos principais temas de debate nas últimas décadas, especialmente diante da crise climática, das desigualdades sociais e das ineficiências do sistema alimentar global. Isso porque os padrões de consumo alimentar contribuem significativamente para a degradação ambiental, incluindo mudanças climáticas, perda de biodiversidade e esgotamento dos recursos (Reisch, Eberle & Lorek, 2013). Vermeir et al. (2020) complementam que as tendências atuais de consumo e produção de alimentos são ambientalmente insustentáveis e contribuem substancialmente para as emissões globais de gases de efeito estufa.

Não se pode deixar de mencionar que, ao mesmo tempo, as desigualdades sociais persistem como um dos principais obstáculos à consolidação de práticas alimentares sustentáveis. Para Verain, Onwezen, Sijtsema, and Dagevos (2016), o consumo alimentar sustentável não é apenas uma questão de escolha individual, mas está inserido em desigualdades sociais mais amplas que afetam o acesso a alimentos saudáveis e ambientalmente responsáveis. Nesse mesmo sentido, Ammann et al. (2023) argumentam que as disparidades sociais e econômicas constituem uma grande barreira à adoção de dietas sustentáveis, especialmente nos domicílios de baixa renda. Além disso, mesmo com o avanço tecnológico na agricultura, persistem profundas ineficiências no sistema alimentar global. Benton and Bailey (2019) observam que há um paradoxo no qual os aumentos na produtividade agrícola podem promover ineficiências no nível do sistema alimentar, incluindo superprodução, desperdício e uso indevido de recursos, o que evidencia que ganhos de produtividade nem sempre se traduzem em sustentabilidade. Por fim, Reisch, Eberle and Lorek (2013) ressaltam que tais ineficiências não podem ser resolvidas apenas pelas forças de mercado, pois intervenções políticas são necessárias para enfrentar as ineficiências sistêmicas na produção e no consumo de alimentos que as forças de mercado sozinhas não conseguem corrigir. Assim, discutir o consumo sustentável de alimentos exige uma abordagem crítica e multidimensional, que leve em conta os limites ecológicos, as desigualdades estruturais e os desafios sistêmicos da cadeia alimentar global.

Apesar do crescente interesse e da valorização do consumo sustentável de alimentos por parte dos consumidores, diversas contradições emergem entre atitudes, intenções e comportamentos reais. Um dos paradoxos mais discutidos na literatura é o chamado “*attitude-behaviour gap*” – a distância entre aquilo que os consumidores dizem valorizar e o que efetivamente praticam. Como destacam Yamoah and Acquaye (2019), muitos consumidores expressam fortes atitudes positivas em relação ao consumo sustentável, mas suas decisões reais de compra nem sempre refletem esses valores. Isso revela que fatores como preço, conveniência e hábito ainda têm grande peso na escolha dos alimentos, muitas vezes sobrepondo-se às motivações ambientais e éticas. Vermeir et al. (2020) reforçam esse ponto ao afirmar que o comportamento sustentável de consumo de alimentos é influenciado por uma interação complexa de fatores individuais, sociais e contextuais, o que dificulta a conversão de atitudes em ações. Além disso, Moruzzi and Sirieix (2015) demonstram que consumidores conscientes frequentemente enfrentam dilemas e contradições nas suas escolhas cotidianas, como optar entre produtos locais versus orgânicos, embalagens sustentáveis versus práticas higiênicas, ou ainda entre conveniência e impacto ambiental. Assim, as contradições no consumo sustentável

não refletem apenas incoerência individual, mas também tensões estruturais e culturais que dificultam a prática sustentável no cotidiano.

Diante desse panorama, torna-se evidente que o consumo sustentável de alimentos está longe de ser um campo de consensos. Trata-se de uma arena marcada por contradições, paradoxos e dilemas morais, na qual as boas intenções muitas vezes colidem com estruturas institucionais, dinâmicas de mercado e limitações individuais. Como argumentam diversos autores, a sustentabilidade alimentar não pode ser alcançada apenas pela mudança de comportamento do consumidor, mas requer transformações sistêmicas nas políticas públicas, nos sistemas de produção e na cultura do consumo (Vermeir et al., 2020; Reisch, Eberle & Lorek, 2013; Hübner et al., 2023).

Trazendo a discussão para o contexto brasileiro, é possível observar um “silêncio” dos pesquisadores do campo do consumo de alimentos quanto a essas tensões entre discurso e prática, como reflexo tanto de limitações individuais quanto estruturais. Dessa forma, emergem algumas questões que ensejam reflexões e investigações em nosso país. Há, de fato, uma preocupação por parte dos consumidores em adotar uma alimentação sustentável a despeito das barreiras como o preço elevado, a falta de informação e a dificuldade de acesso? Nesse caso, pode-se perceber a existência da lacuna de “*attitude-behaviour gap*”, evidenciando que a intenção nem sempre se transforma em ação. Cabe questionar se, no contexto brasileiro, o papel do consumidor sustentável ainda é limitado por assimetrias de informação e ausência de políticas públicas eficazes? Com relação às feiras agroecológicas, os consumidores engajados nesse tipo de mercado desenvolvem estratégias de conciliação diante de tantos dilemas cotidianos, como priorizar alimentos locais, orgânicos e acessíveis?

Assim, o debate brasileiro sobre consumo sustentável de alimentos não apenas ecoa as contradições identificadas internacionalmente, como também revela especificidades socioeconômicas e culturais que aprofundam essas tensões no contexto latino-americano. É nesse contexto de contradições, dilemas e dissensos, aliado a uma aparente lacuna nos estudos sobre o tema no Brasil que surgiu a motivação para conduzir uma análise a partir de dados coletados para uma pesquisa internacional sobre consumo sustentável de alimentos em cidades do sul global desenvolvida entre os anos de 2018 a 2023 na China, Brasil e África do Sul cujo objetivo foi entender como essas contradições são vivenciadas pelos consumidores de classe média no Brasil em sua vida cotidiana levando em consideração o contexto alimentar.

Cabe salientar, portanto, que este estudo pretende preencher a lacuna sobre como as barreiras sistêmicas e as narrativas de mercado são internalizadas e negociadas subjetivamente pelos consumidores de classe média brasileira. Diferentemente de pesquisas anteriores que

focam em modelos preditivos de intenção de compra ou na eficácia de selos verdes, esta pesquisa contribui para a literatura ao oferecer uma lente interpretativista e indutiva que identifica como as contradições Conscientes, Explícitas e Tácitas emergem do conflito entre o ideal de sustentabilidade idealizado pela mídia/corporações e as restrições materiais do cotidiano. Assim, o estudo desloca a discussão de um julgamento moral da incoerência individual para uma análise da sustentabilidade como uma prática em constante negociação e resignificação.

Dito de outra forma, é importante ressaltar que estudos anteriores sobre consumo sustentável de alimentos têm documentado amplamente a existência do *attitude-behaviour gap*, demonstrando que os consumidores frequentemente expressam atitudes favoráveis à sustentabilidade, enquanto suas decisões reais de compra permanecem limitadas por fatores como preço, conveniência e disponibilidade (Yamoah & Acquaye, 2019; Vermeir et al., 2020). Entretanto, grande parte dessa literatura tem se concentrado em modelos preditivos ou comportamentais que procuram explicar *por que* essa lacuna ocorre, enfatizando sobretudo barreiras estruturais ou determinantes em nível individual. Menor atenção tem sido dada à compreensão de *como os consumidores vivenciam, justificam e negociam subjetivamente essas contradições em seu cotidiano*, especialmente em economias emergentes, onde desigualdades estruturais e condições de mercado moldam as práticas de consumo de forma particular. Nesse sentido, esta pesquisa contribui para esse debate ao adotar uma perspectiva interpretativista para examinar como consumidores de classe média no Brasil experienciam e narram as tensões entre os ideais de sustentabilidade alimentar e as práticas cotidianas de consumo. Com base em dados qualitativos provenientes de entrevistas e observações etnográficas, o estudo avança na literatura ao propor uma tipologia de contradições — consciente, explícita e tácita — que revela como o *attitude-behaviour gap* é vivido e negociado nas práticas diárias de consumo alimentar.

Cabe ressaltar que a pesquisa apresenta algumas características que a tornam oportuna e relevante. Em primeiro lugar, deve-se destacar uma lacuna nos estudos brasileiros no campo do consumo de alimentos no tocante à forma como os consumidores percebem, discursam e vivenciam práticas alimentares sustentáveis em seu cotidiano. O estudo pode constatar até que ponto, a realidade brasileira converge com a situação verificada em outros contextos culturais. Em segundo lugar, o trabalho não apenas mostra que os consumidores são contraditórios, mas está revelando a “mecânica” dessa contradição como uma prática social situada e influenciada pela individualização da responsabilidade pelo mercado. Em terceiro lugar, jogar luz sobre essas questões pode contribuir para avanços na forma como políticas públicas podem ser direcionadas para se promover uma distribuição adequada de recursos, reduzindo as

desigualdades quanto ao consumo alimentar, o que parece estar alinhado com o ODS 2 estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) – Fome Zero e Agricultura Sustentável. Este ODS visa erradicar a fome, alcançar a segurança alimentar, melhorar a nutrição e promover a agricultura sustentável.

REVISÃO DA LITERATURA

Consumo sustentável de alimentos

De início, vale mencionar que o debate sobre consumo sustentável de alimentos se insere em uma discussão mais abrangente e aderente ao conceito guarda-chuva denominado consumo sustentável que, por sua vez, está alinhado com todo ao paradigma do desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, é importante considerar que o consumo sustentável foi incluído em 2015 aos 17 objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS) estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU). Costa Filho, Oliveira, Lima e Silva (2021) constatou que a partir da década de 1990 houve um crescimento na produção científica sobre consumo sustentável, observando que a temática está sendo cada vez mais explorada, ganhando mais espaço no âmbito acadêmico. Esse aumento é consequência do amadurecimento do movimento ambientalista iniciado na década de 1960, e que foi resignificado na década de 1990, passando a envolver todas as esferas da sociedade (Afonso, Bornia, Echegaray & Andrade, 2016). Manter os padrões atuais de consumo e produção é colocar em risco as próximas gerações, à medida que o nível de consumo aumenta, eleva-se também o uso dos recursos naturais, podendo levar a sua extinção. Dessa forma, instituições internacionais e locais têm aumentado a pressão sobre a população para a adoção de práticas mais sustentáveis, já que sem elas será impossível a vida na terra (Dias & Teodósio, 2012).

Tendo em vista que a produção e consumo de alimentos estão diretamente relacionados a emissões de gases de efeito estufa, poluição hídrica e perda de biodiversidade (Azzurra, Massimiliano, & Angela, 2019; Migliore, 2021), isso que justifica a crescente atenção acadêmica e política sobre o consumo sustentável de alimentos. Este conceito engloba práticas alimentares que minimizam impactos ambientais, promovem justiça social e garantem segurança alimentar, sendo considerado um dos três domínios de consumo com maior impacto ambiental (Azzurra, Massimiliano, Angela, 2019). Complementarmente, é importante considerar que o conceito de consumo sustentável de alimentos refere-se a práticas alimentares que atendem às necessidades nutricionais e de saúde da população em geral, ao mesmo tempo em que garantem a capacidade dos sistemas alimentares de prover para as gerações futuras. Isso

envolve não apenas a escolha de produtos com menor impacto ambiental, como alimentos orgânicos ou de origem local, mas também aspectos culturais, éticos e sociais (Verain et al., 2016).

Verain et al. (2016) destacam que o consumo sustentável envolve uma série de comportamentos, como a preferência por produtos orgânicos, de origem local ou sazonal, a redução do desperdício de alimentos e o consumo moderado de carne. Tais práticas são influenciadas por fatores cognitivos, normativos, emocionais e contextuais. Sob uma perspectiva orientada por metas, Reisch, Eberle and Lorek (2013) argumentam que o comportamento de consumo sustentável pode ser compreendido como resultado de um processo deliberado em que os indivíduos buscam alinhar seus objetivos pessoais com valores ambientais e sociais. Essa abordagem amplia a compreensão sobre as motivações que levam ao engajamento em práticas alimentares sustentáveis.

Ao se deslocar o olhar para o consumo sustentável de alimentos, é possível indicar que ele é influenciado por uma série de fatores, incluindo questões psicológicas, sociais e contextuais. É possível encontrar na literatura relatos de pesquisas que avançaram no entendimento da forma como os consumidores se relacionam com esse conceito. Estudos como o de Nguyen et al. (2021), por exemplo, focado no consumo de carne orgânica no Vietnã, mostraram que a percepção de segurança alimentar é uma variável central. A confiança nas certificações e a percepção de benefícios à saúde afetam significativamente a intenção de compra. Madureira et al. (2021) analisaram consumidores espanhóis com baixo consumo de alimentos orgânicos e identificaram que, embora haja consciência ambiental, existem barreiras relacionadas ao preço, conveniência e percepção sensorial dos produtos. Tais barreiras dificultam a conversão de atitudes positivas em comportamentos efetivos. De forma semelhante, Kovács (2020) investigou jovens adultos e identificou que a intenção de consumir de forma sustentável está associada à preocupação com a saúde e a segurança alimentar, mas é frequentemente limitada por fatores como custo, falta de conhecimento e acesso a produtos sustentáveis. Embora o consumo sustentável de alimentos seja amplamente promovido como uma prática desejável no enfrentamento de desafios ambientais, sociais e econômicos da sociedade atual, no âmbito da discussão promovida nesse artigo, não se pode deixar de considerar que sua implementação no cotidiano revela um cenário mais ambíguo do que as abordagens normativas sugerem. Se, por um lado, o conceito de consumo sustentável parte do princípio da racionalidade do consumidor e da disponibilidade de escolhas informadas e éticas, por outro, estudos empíricos têm evidenciado que esse ideal é atravessado por contradições

estruturais, simbólicas e práticas. É justamente esse ponto, o qual será discutido na próxima seção.

Contradições no consumo sustentável de alimentos

Conforme defendido na seção anterior, o consumo sustentável de alimentos é frequentemente concebido como um conjunto de práticas individuais e coletivas que buscam reduzir os impactos ambientais, promover a equidade social e melhorar a saúde humana. No entanto, a implementação e popularização dessas práticas têm enfrentado contradições significativas. Paradoxos emergem quando boas intenções se deparam com obstáculos estruturais, culturais, econômicos e até mesmo ecológicos.

Uma das contradições mais recorrentes identificadas na literatura é a disparidade entre atitudes pró-sustentabilidade e comportamentos efetivos de compra. Yamoah e Acquaye (2019) exploram essa lacuna no mercado de maçãs no Reino Unido, demonstrando que muitos consumidores expressam preocupações ambientais, mas suas decisões de compra continuam sendo guiadas por conveniência, preço e familiaridade. Essa lacuna revela um paradoxo fundamental: os consumidores afirmam valorizar a sustentabilidade, mas suas práticas reais permanecem desalinhadas com tais valores. Segundo esses autores, fatores como acesso limitado a produtos sustentáveis, informações pouco claras e restrições econômicas desempenham um papel importante. A racionalidade limitada e os hábitos adquiridos contribuem para a manutenção de padrões insustentáveis, mesmo diante da conscientização crescente sobre os impactos ambientais.

Outra dimensão importante é o paradoxo da produtividade no sistema alimentar global. Garnett et al. (2019) argumentam que os avanços tecnológicos que aumentam a produtividade agrícola, embora busquem maior eficiência, muitas vezes resultam em efeitos colaterais negativos, como aumento do desperdício de alimentos e degradação ambiental. O paradoxo aqui reside no fato de que a intensificação produtiva, ao invés de mitigar os impactos ambientais, pode reforçar práticas insustentáveis. Esse paradoxo sistêmico evidencia a complexidade da sustentabilidade alimentar, pois mostra que intervenções em um ponto da cadeia podem ter efeitos contraditórios em outras partes. Além disso, aponta para a necessidade de repensar a eficiência agrícola não apenas em termos de quantidade produzida, mas também de justiça distributiva, resiliência ecológica e redução de perdas.

O estudo de Moruzzi e Sirieix (2015), que compara consumidores na França e na Itália, destaca as contradições percebidas pelos indivíduos no momento da decisão de compra de

alimentos sustentáveis. Os autores identificam que os consumidores se veem frequentemente diante de dilemas entre o desejo de agir de forma ética e sustentável e as limitações impostas pelo tempo, renda, conveniência e normas sociais.

Pålsson e Hellström (2022) abordaram um paradoxo específico no âmbito da cadeia de suprimentos: a embalagem de alimentos. Embalagens são essenciais para garantir a segurança alimentar, evitar contaminações e reduzir o desperdício, mas, ao mesmo tempo, são uma das principais fontes de poluição plástica. Os autores argumentam que existe uma tensão inevitável entre os objetivos de proteção do produto e os imperativos ambientais.

Outro dilema importante discutido na literatura refere-se ao impacto das políticas de indicação geográfica e certificações de origem na diversidade alimentar. Mariani, Cerdan e Peri (2021) argumentam que, embora essas políticas visem preservar práticas alimentares tradicionais e a biodiversidade cultural, frequentemente conduzem à padronização dos produtos e à exclusão de variações locais não reconhecidas formalmente. Trata-se do paradoxo de reduzir a diversidade para defendê-la. Esse fenômeno evidencia como as práticas de sustentabilidade, ao serem institucionalizadas, podem reproduzir assimetrias de poder e simplificações que negam a complexidade cultural dos sistemas alimentares locais. A sustentabilidade, nesse caso, deixa de ser uma prática inclusiva para tornar-se um regime normativo com critérios muitas vezes excludentes.

MÉTODO

O presente artigo discute alguns resultados de uma pesquisa internacional sobre consumo sustentável de alimentos em cidades do Sul Global desenvolvida entre os anos de 2018 e 2023 na China, Brasil e África do Sul. A pesquisa, financiada pelo Conselho Britânico de Pesquisa-ESRC, buscou compreender o que influencia o consumo sustentável de alimentos em classes médias do sul global.

Cabe salientar que uma primeira fase abordou o contexto alimentar, realizando 30 entrevistas semiestruturadas com informantes-chave dos sistemas alimentares de cada país. No caso brasileiro, representantes do governo, supermercadistas, redes de alimentos, organizações da sociedade civil, especialistas e influenciadores digitais na área de consumo sustentável foram ouvidos. Os resultados desta primeira fase foram explorados em outro trabalho (Afonso et al, 2023) com atenção ao papel de políticas públicas ligadas à segurança alimentar e nutricional construídas de forma participativa na primeira década dos anos 2000, fruto de mobilização de

atores sociais na segunda metade do século XX no Brasil. Essa fase subsidiou a condução da segunda fase, cujos dados serviram de base para a elaboração do presente artigo.

Para esse artigo, levando em conta a segunda fase da pesquisa, buscou-se compreender o consumo sustentável de alimentos a partir do consumidor de classe média. Para tal, foram realizadas 31 entrevistas semiestruturadas com moradores de bairros de classe média do Rio de Janeiro e, dentre eles, 10 consumidores tiveram seus hábitos e rotinas alimentares acompanhadas por 7 dias utilizando uma teia de métodos com vistas à análise etnográfica, à saber: *co-shopping* (comprar junto), *co-cooking* (cozinhar junto), *co-browsing* (navegar pela internet junto) e diário fotográfico da rotina alimentar. Portanto, a pesquisa se alinha a uma abordagem qualitativa, de base interpretativa (Flick, 2004; Creswell, 2014).

As 31 entrevistas semiestruturadas duraram entre 40 minutos e 1 hora e as narrativas serviram de referência para a análise posterior, dos 10 participantes que seguiram para a etapa etnográfica. Sobre esta última, inicialmente, pesquisador e participante, marcam um dia/horário específico em mercado indicado pelo entrevistado para que os alimentos a serem preparados possam ser comprados - método chamado de *co-shopping*. Todo o processo de compra foi observado e registrado pelo pesquisador, que, na sequência, acompanha o participante até o local de sua escolha, para que a comida seja então produzida — *co-cooking*. Interessante notar que alguns participantes indicaram que suas práticas alimentares cotidianas de comer ou pedir em restaurantes. Desta forma, algumas sessões de *co-cooking* foram realizadas em restaurantes ou pedindo comida em casa usando aplicativos. Dito isso, das 10 etnografias realizadas, 6 ocorreram na casa dos entrevistados (passando antes pelo supermercado ou por pequenas lojas de frutas/legumes/peixes para comprar os ingredientes); 1 utilizou o aplicativo *iFood* para entrega de comida na casa da irmã do participante; e outros 3 encontros aconteceram nos restaurantes escolhidos pelos entrevistados. Por fim, foi solicitado a cada um dos 10 entrevistados que fotografasse o que eles comia ao longo do dia, durante 1 semana. Desta forma, os participantes enviaram imagens do que comiam no café da manhã, no almoço, no jantar e nos lanches ao longo de sete dias. Cabe ressaltar, que por tratar-se de participação voluntária, nem todas as refeições foram fotografadas por todos os participantes em todos os dias, o que não invalidou a riqueza de informações advindas dos diários fotográficos - método *photo diary*.

A amostra foi desenhada a partir do método bola de neve de definição de amostra (Patton, 2015), em que os 3 primeiros entrevistados - representantes de 3 diferentes classes sociais/renda, a saber classes B, C e D - indicaram outros potenciais participantes, criando uma rede de contatos em cadeia, cujas escolhas buscaram garantir a representatividade dos diferentes perfis da classe média brasileira, considerando as características da economia do Estado do Rio

de Janeiro. De acordo com dados do IBGE (2017) à época, a população do estado do Rio de Janeiro era distribuída nas seguintes classes sociais: 5% como Classe A, 5% como Classe B, 57% como Classe C, 20% como Classe D e 13% como Classe E. Tendo este cenário como base, a distribuição de classe social/renda dos 31 entrevistados da segunda fase da pesquisa ocorreu da seguinte forma: 2 entrevistados da classe A (6,4%), 6 da classe B (19,35%), 11 da Classe C (35,5%), 10 da Classe D (32,3%) e 2 da Classe E (6,4%). Quanto à definição da amostra - no caso, a teia de métodos com vistas à análise etnográfica - identificaram-se 10 representantes dos 31 entrevistados para a produção de dados em profundidade, explorando o consumo sustentável de alimentos a partir do cotidiano dos participantes. Neste caso, a amostra foi definida buscando manter proporção semelhante de representantes de cada classe social, tendo como outro fator determinante, a disponibilidade do participante, visto que esta etapa etnográfica demandava mais tempo e disposição para estar com um pesquisador acompanhando sua rotina.

Neste artigo, trabalhamos os resultados que emergiram dessa coleta, diretamente relacionados às contradições entre o discurso na entrevista e a prática observada pelos pesquisadores nos demais métodos da etnografia (compra, preparo, fotos). Cabe salientar que, nesse processo de análise dos dados, seguimos os preceitos da abordagem indutiva de pesquisa da *grounded theory* construtivista, de acordo com as orientações de Charmaz (2009) e de Pinto e Santos (2012). Nessa abordagem, privilegia-se a emergência de categorias a partir dos dados coletados, e a revisão da literatura limita-se a fornecer conceitos sensibilizadores para os pesquisadores, sem a necessidade de ratificação dos resultados por meio da literatura consultada.

O processo de coleta e análise dos dados ocorreu de forma iterativa, conforme os princípios da *grounded theory* construtivista (Charmaz, 2009), buscando alcançar a saturação teórica das categorias emergentes. A saturação foi considerada atingida quando novas entrevistas, observações etnográficas e registros dos diários fotográficos passaram a reiterar padrões analíticos já identificados, sem a emergência de categorias substantivamente novas relacionadas às contradições no consumo alimentar. A saturação foi identificada quando as entrevistas adicionais, bem como os registros provenientes das etnografias (co-shopping, co-cooking e photo diary), passaram a reiterar padrões interpretativos já identificados, especialmente no que se refere às contradições entre discurso e prática no consumo alimentar. A recorrência desses padrões, sem a emergência de novas dimensões analíticas relevantes, indicou que as categorias estavam suficientemente densas para sustentar a interpretação teórica proposta.

As dez etnografias realizadas permitiram aprofundar a compreensão das práticas cotidianas e foram analisadas em conjunto com as 31 entrevistas. Os excertos apresentados na seção de resultados foram selecionados por seu caráter ilustrativo das categorias analíticas identificadas (contradições consciente, explícita e tácita) e não com o objetivo de representar casos individuais específicos. Assim, embora alguns entrevistados apareçam mais de uma vez ao longo da análise, isso ocorre porque suas narrativas e práticas forneceram exemplos particularmente claros dos padrões interpretativos identificados no conjunto do material empírico.

Na sequência, são explanados os principais achados da análise a partir dos dados coletados.

ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise dos dados que são objeto deste artigo, no caso, da Fase 2, a compreensão de consumo sustentável utilizada está associada à comida adequada e saudável conforme indicado no Guia Alimentar da População Brasileira (Ministério da Saúde, 2014), compreendida aqui a partir de 3 dimensões: acesso, saúde e re-conhecimento. Estas 3 dimensões foram exploradas por Afonso et. al (2023) sendo o ‘acesso’, a possibilidade de ter comida à mesa todos os dias; ‘saúde’, compreendendo o consumo de alimento relacionado à saúde do corpo; e ‘re-conhecimento’ como alinhado tanto ao conhecimento e acesso à informação qualificada sobre os alimentos, quanto aos aspectos relacionados à soberania alimentar.

Os dados coletados ao longo da Fase 2 - dedicada à compreensão do que influencia o consumo sustentável de alimentos em classes médias a partir do olhar do consumidor - revelou, para além da identificação de determinados comportamentos, um cenário de desafios relacionados ao sistema alimentar brasileiro. Neste artigo, iremos apresentar as contradições identificadas nas narrativas e práticas dos consumidores, indicando aspectos limitadores e complexidades de tal análise, reforçando a necessidade de ir para além dos dualismos. A análise dos resultados oriundos das 31 entrevistas semiestruturadas e 10 etnografias (abrangendo *co-shopping*, *co-cooking* e *photo diary*) permitiu organizar os achados em três categorias centrais de contradições: contradição consciente, contradição explícita e contradição tácita.

No primeiro caso, a contradição é enunciada pelo participante. Nas outras duas categorias de contradição, a mesma é identificada pelos pesquisadores. Desta forma, no primeiro tipo de contradição, o participante narra determinadas práticas relacionadas ao consumo sustentável de alimentos e, ao longo da mesma narrativa, apresenta justificativas do

porquê ele - no caso, o participante - não executa tal prática. Nos outros dois tipos indicados, a contradição é observada pelos pesquisadores ao contrapor o discurso apresentado pelo participante, e as práticas observadas ao longo da fase etnográfica, seja durante o *co-shopping*, *co-cooking* ou *photo diary*. A diferença entre esses dois últimos tipos de contradições é que na explícita, a identificação da contradição ocorre de forma óbvia, escancarando em imagens ou práticas, a oposição ao que o participante narra inicialmente. No último tipo, chamada de tácita, a identificação da contradição ocorre a partir das entrelinhas do cotidiano, demandando uma leitura da prática de consumo sustentável de alimentos para observar então as contradições entre o que se enuncia e o que se pratica.

Explorando exemplos de contradições conscientes identificadas ao longo da Fase 2, o Entrevistado 1 afirma que uma boa comida é aquela “*mais natural possível*”, livre de artificios químicos aplicados aos alimentos, reconhece o selo do transgênico, gostaria de consumir “Alimentos sem agrotóxico, sem química, com menos química possível”, mas consome carne e produtos industrializados. “*Como gosto de carne, e gostaria de não gostar (...), coisas que eles colocam na ração dos bichos ou qualquer tipo de hormônio para o bicho crescer mais rápido, acho que isso não é saudável*”. Ainda, sobre o modo de produção do alimento (origem), este entrevistado “desejaria comprar uma carne que não fosse vinda de maus tratos, (...) matar um bicho para comer é ruim.”

No entanto, o **Entrevistado 1** faz pedido de refeição por aplicativos de entrega, optando, no exemplo a seguir, por churrasco, onde nada se sabe sobre a procedência da carne utilizada ou as condições de criação animal. Nesta mesma refeição, ilustrada na Figura 1, acompanham a carne o arroz, a batata e a farofa, três carboidratos com a mesma função nutricional. A justificativa para a escolha é que este prato tem maior quantidade de alimento que os demais.



Figura 1: Refeição pedida por aplicativo. Churrasco com carne, arroz branco, farofa e batata.
Fonte: *Photo diary*, 2019.

Interessante notar que a consciência das limitações às quais o Entrevistado 1 está submetido em seu consumo são explícitas e aparecem claramente em afirmações como “*Não tenho uma alimentação saudável e, sobre a forma de produção dos alimentos que gostaria de consumir, penso, mas não tenho nenhuma certeza de que, de fato, é o que eu gostaria que fosse*”. Ainda sobre este entrevistado, ele afirma consumir produtos vendidos em supermercados ou restaurantes, buscando melhor sabor e preço acessível (custo/benefício), mesmo que o alimento não seja saudável como sua narrativa afirma preferir, o que pode ser visto Figura 2.



Figura 2: Refeição pedida por aplicativo.
Fonte: *Photo diary*, 2019.

Outro exemplo interessante de contradição consciente é o do Entrevistado 5, que também demonstra conhecimento sobre o que seria saudável em suas escolhas de alimentação. Para ele, “*Sustentável é quando a gente sabe que a procedência daquele alimento não fere os direitos de quem pode produzir, de quem está consumindo também, que seja minimamente impactado por agrotóxicos e que tenha uma aparência, um gosto palatável, que seja bom de ser consumido*”. Reconhece, entretanto, que o pouco tempo para cozinhar é um limitador de melhores escolhas, forçando-o a comprar produtos industrializados que permitirão preparar suas refeições mais rapidamente: “*Eu evito, mas vez ou outra, como às vezes fico apertado de tempo, não consigo fazer tudo que gostaria de fazer, então coisas que eu costumo comprar que são processados, e sei que não deveria fazer, mas a falta de tempo as vezes me impede, é molho de tomate, que é uma coisa que consigo usar mais rapidamente para cozinhar, (...) ele já pronto é industrializado, acaba facilitando. Mas não é sempre.*” A despeito disso, afirma valorizar locais de compras onde possa encontrar produtos frescos e mais saudáveis: “*Eu procuro sempre dar prioridade a alimentos menos processados e que eu saiba a procedência. (...) Na feira a gente tem mais esse acesso, quando compro no mercado não tenho como ter essa noção. Mas*

tento sempre colaborar com a questão da agricultura familiar, tenho essa pegada dentro de mim”.

A justificativa do Entrevistado 5 de que a falta de tempo o “força” a consumir ultraprocessados evidencia o que Longo et al. (2017) chamam de “lado sombrio do conhecimento”. Em vez de empoderar o sujeito, o excesso de informação sobre as ineficiências do sistema alimentar gera dilemas e tensões que culminam em uma paralisia política, onde o indivíduo prioriza a praticidade do cotidiano em detrimento de seus valores éticos.

O Entrevistado 6 também oferece exemplos interessantes de contradição consciente. Enfatiza que a comida “não é só para tapar um buraco no estômago”, que ela precisa ter cheiro, cor, aspecto bonito e higiene. Soma-se a isso a crítica aos alimentos ultraprocessados ao afirmar que “(...) quanto mais industrializados [os alimentos], na minha concepção, mais distantes de uma boa comida eles ficam.” O entrevistado também demonstra em seu discurso uma preocupação com a origem e qualidade de alguns alimentos como o leite, onde afirma que “Sempre comprei [o leite da marca] Elegê ou Parmalat. Hoje já gosto de comprar mais o Aurora que acho o mais próximo de leite dentre todos esses e é da agricultura familiar. Sempre vejo isso. (...) É de cooperativa, está escrito na embalagem”. Esta afirmação pôde ser observada em uma das fotografias do Diário Fotográfico, em que no armário da cozinha, foi possível identificar uma caixa de leite Aurora, como pode ser visto na Figura 3.



Figura 3: Armário da cozinha do Entrevistado 6.
Fonte: *Co-cooking*, 2019.

No entanto, o Entrevistado 6, durante o co-shopping, escolheu diversos produtos que nada tinham de comprometimento com a origem da produção, afirmando a impossibilidade de investir apenas em alimentos que possuem tal apelo de origem, por tratar-se de algo caro. Para o Entrevistado 6, “Não dá para eu viver só de orgânicos porque é caro”. E afirma ter a

compreensão que *fast food* não é uma boa comida, mas apresenta uma contraposição, apontando para os altos índices de agrotóxico utilizados nos alimentos frescos no Brasil. Para ele, “*Um McDonalds não é uma boa comida, mas eu como um inhame cheio de agrotóxico. Gosto de comer um alimento in natura, mas estou comendo veneno. Tenho noção disso*”. Por fim, este entrevistado indica como uma das imagens do diário fotográfico sobre sua rotina alimentar, uma imagem de iogurte e pães de marcas da grande indústria alimentícia, o que vai ao encontro de sua afirmação sobre o que compra e come no cotidiano: “*carne em promoção; (...) somos muito fãs de comida japonesa. Peço [Ifood] hambúrguer gourmetizados. (...) pizza; lasanha da Sadia (...) pacotão de batata frita que eu boto no forno*”.



Figura 4: Café da manhã do Entrevistado 6, com iogurte e pães de marcas da grande indústria alimentícia.
Fonte: *Photo Diary*, 2019.

Quanto aos exemplos de contradições explícitas, pode se observar o caso do Entrevistado 7 que apresentou durante a entrevista semi-estruturada todo um discurso informado sobre a escolha dos ingredientes que consome, buscando evitar transgênicos, privilegiando alimentos orgânicos e a escolha por restaurantes nos quais ele saiba como os alimentos são fabricados. Para ela,

“o que vai me orientar o tipo de comida é de onde é essa comida, como é esse ingrediente. (...) A gente consegue escolher o que a gente come. Comemos verdura, legumes, arroz integral sempre. (...) A gente come sempre carne, frango, peixe. (...) Grelhado, assado, não como frituras. A gente consegue salada orgânica, de manhã consigo tomar um suco verde”.

Ainda sobre os ingredientes, o Entrevistado 7 afirma, “*com menos açúcar, ingredientes com farinha integral. (...) Influencia também, se o ingrediente é fresco ou enlatado, por exemplo. Se é artificial. Lá em casa a gente não usa tempero artificial, alguns a gente usa de algumas hortas*”. No entanto, uma das imagens enviadas pelo entrevistado em seu *Photo Diary* foi de um café da manhã, em que, como pode ser observado na Figura 5, são apenas produtos industrializados, sem orgânicos e acompanhados de um açucareiro ao fundo.



Figura 5: Café da manhã
Fonte: *Photo Diary*, 2019.

Outra imagem que contribui para a visualização da contradição explícita é a Figura 6, tirada no dia do *co-cooking*, realizado durante o almoço, no restaurante de um familiar do entrevistado. Na escolha do prato, o Entrevistado 7, pede o filé de frango, segundo ele, “*pelo sabor marcante dos temperos*”. Além de arroz branco, feijão, farofa, batata frita e salada. Sobre nenhum destes foi relatado o conhecimento da origem dos ingredientes. Segundo ele, o familiar dono do restaurante procura comprar de bons estabelecimentos, mas, por causa do preço, não consegue sempre os melhores produtos, principalmente os *in natura*. Gostam muito de sucos e produzem naturalmente. Já os pratos são típicos da cozinha nordestina.

A distância observada entre o discurso “verde” e o consumo de marcas da grande indústria pelo Entrevistado 7 reflete o paradoxo do 'attitude-behaviour gap'. Conforme apontado por Yamoah e Acquaye (2019), essa inconsistência é frequentemente causada por barreiras sistêmicas do mercado, como o preço elevado e a onipresença de produtos convencionais, que acabam por neutralizar a intenção original do consumidor.



Figura 6: Almoço
Fonte: *Co-cooking*, 2019.

O Entrevistado 8, por sua vez, argumenta que busca alimentos saudáveis no seu dia a dia, que, para ele, significa "alimentos menos industrializados possíveis, comida feita em casa, fresca". Diz também que a preocupação com a origem do alimento não é algo que o preocupa tanto. Para o Entrevistado 8, *“importa mais o que contém aquele alimento. E também se tem mais ou menos carboidrato, se tem ou não açúcar”*. Interessante notar que o entrevistado atribui a ideia de fazer compras na feira livre como algo mais agradável e bonito. Para além desta dimensão, afirma que vai pouco ao mercado, apenas para comprar o básico, e o restante dos alimentos do mês é comprado na feira, que *“dá uma sensação de estar comprando algo mais saudável, de qualidade”*.

Todavia, para a receita que prepara em casa, durante o *co-shopping* seguido do *co-cooking*, o Entrevistado 8 compra mais produtos industrializados que naturais e frescos: frango congelado, molho de tomate pronto, arroz branco, creme de leite e batata em saquinho - produtos processados e ricos em carboidratos. Escolhe produtos por preço e por conhecer as marcas, mas não sabe exatamente os ingredientes presentes nos industrializados. Não lê as embalagens. Além disso, como pode ser visto na sequência de fotos compartilhadas de seu photo diary apresentadas na Figura 7, o café da manhã do Entrevistado 8 não tem vegetais ou frutas (só pão, café e leite), e as outras refeições não demonstram a preocupação com alimentos menos industrializados ou com o que contém naquele alimento, conforme enunciado num primeiro momento.



Figura 7: Sequência de fotos dos alimentos consumidos pelo Entrevistado 8
Fonte: *Photo diary*, 2019.

Um último exemplo interessante da contradição explícita é o caso do Entrevistado 9 que defende que a comida de qualidade é aquela fresca, natural e sem agrotóxicos, e durante a entrevista afirmou que se preocupa com a origem dos alimentos no seu cotidiano, mesmo que isso custe mais caro. Argumentando sobre o frango e o peixe que compra, explica:

“Eu procuro comprar coisas mais saudáveis, por exemplo o frango da Korin. A família que fabrica, não me lembro da região, criam o frango de uma maneira diferente, de uma maneira “mais humana”. Eles não dão hormônios, antibióticos, eles crescem soltos, então você não vai pegar, por tabela, esses remédios, essas coisas que eles dão para apressar o crescimento para o abate do frango. Paga-se um preço que é mais caro, mas é de melhor qualidade. O peixe eu procuro comprar direto na feira, não aqueles peixes congelados que devem ter produtos químicos, conservantes, evito certos enlatados, quanto mais a gente puder usar o in natura, melhor”. (Entrevistado 9)

Também apresenta argumentos semelhantes ao se referir ao palmito e outros alimentos em conserva, afirmando que procura aqueles provenientes de plantações próprias ou aqueles que são o mais natural possível e que não sejam transgênicos.

No entanto, no ato de compra - *co-shopping* - dos ingredientes para a refeição a ser produzida em casa - *co-cooking* - , avalia os alimentos pelo frescor e pelo preço. Buscaram um peixe alternativo ao que desejavam por causa do preço. Não perguntaram sobre a origem, nem do peixe, nem de verduras e legumes. A conversa com o vendedor da feira no momento da compra referiu-se apenas ao custo do peixe, e não à origem. Outro ponto observado durante o *co-shopping* foi o fato de não comprarem nada com selos de origem. No entanto, em casa, apresentaram alguns alimentos nos armários com origem “ética”, como por exemplo alho picado industrializado com selo orgânico e ovos caipira (granjas menores), que também dividiram espaço com ovos brancos comuns. Sobre isso, o Entrevistado 9 argumenta: *“comemos muitos ovos em casa e é impossível comer só orgânico por conta do preço”*.

Para este entrevistado, o que foi observado foi a importância dos ingredientes relacionados à saúde (menos sal, gorduras) e a qualidade quanto ao sabor e ao fabricante e, por último, o preço. No entanto, ficou evidente que as marcas mais utilizadas são aquelas da grande indústria alimentícia, escolhidas pelo costume e confiança.

Por fim, alguns exemplos da contradição tácita serão explorados a seguir. O primeiro caso é do Entrevistado 4, que possui um discurso bastante informado. Entende as questões que fundamentam a necessidade de alimentação adequada e saudável, e utiliza de forma eloquente a narrativa que a justifica. Em sua fala, identifica-se como a pessoa da casa que incentiva a alimentação saudável, exemplificando com o fato de incentivar a compra de alimentos na feira orgânica próxima à sua casa. Em suas palavras, *“na verdade eu sou, talvez, a pessoa que tente fazer com que a gente tenha uma alimentação mais saudável... No momento a gente tem uma feira orgânica e que eu, por exemplo, estímulo para que a gente compre produtos na feira orgânica”*. Além disso, durante a entrevista, ele disse da preocupação com o consumo ético, buscando comprar produtos que favoreçam o produtor local.

No entanto, durante o *co-shopping*, como pode ser observado na Figura 8 tirada pelos pesquisadores, o peixe adquirido na peixaria do bairro foi um Salmão Chileno, que, segundo o Entrevistado 4, era o peixe que tinham o hábito de comprar. Apesar de apresentar várias práticas de consumo sustentável de alimentos ao longo do processo, durante o *co-cooking*, pôde ser observada a presença de alimentos processados de grandes marcas da indústria alimentícia nos armários, além de uma divisão explícita de gênero em que quem compra e cozinha é a mulher, enquanto o homem aguarda e come.

A contradição tácita no consumo de salmão importado (percebido como um ato de apoio ao comércio de bairro) evidencia a eficácia do “local washing” corporativo. Como discutido por Santos e Marques (2021), a apropriação do termo 'local' pelas empresas mascara os impactos das “food miles” (distância percorrida pelo alimento), induzindo o consumidor a confiar de forma superficial em selos e marcas que não promovem mudanças estruturais na cadeia de suprimentos.



Figura 8: Fotos da compra e preparo de peixe importado pelo Entrevistado 4
Fonte: *Co-shopping e Co-cooking*, 2019.

Um último exemplo deste tipo de contradição pode ser observado na contraposição entre o que o Entrevistado 8 argumentou tratar-se de sua rotina de consumo de alimentos, incluindo alimentos menos industrializados possíveis, e o observado com mais cuidado durante o *co-cooking*. Em sua entrevista, ele comenta que “*come bastante salada e arroz integral, sempre cuidando de preparar minha própria comida*”. No entanto, acompanhando a compra e produção do alimento foi possível observar que o arroz comprado e cozido era branco e o strogonofe foi produzido com frango congelado, molho de tomate, creme de leite e batata palha provenientes de marcas da grande indústria alimentícia.

Por fim, cabe ressaltar que as contradições indicadas neste trabalho são observadas em toda a sua complexidade, para além das dicotomias e do julgamento moral que enquadraria os

entrevistados em apenas um dos três tipos de contradição apontados. Ocorre um trânsito de um mesmo entrevistado entre as mais diferentes contradições, bem como a realização de determinadas práticas de consumo sustentável de alimentos em paralelo às práticas tidas como insustentáveis, o que, sem a devida análise cuidadosa, poderia soar incoerente. O que temos são consumidores diversos, inseridos em realidades complexas, com as mais variadas bagagens socioeconômicas e político-culturais.

Dito isso, dois exemplos interessantes de tal complexidade requerida a análise são o caso do Entrevistado 1 cujo alimento escolhido para a refeição realizada em casa foi encomendado a restaurante por meio de aplicativo, acomodado em diversas embalagens de isopor, e em sacolas plásticas, que, uma vez rasgadas, não puderam ser reutilizadas como sacolas de lixo, sendo descartados em lixo comum (não reciclado). No entanto, este mesmo entrevistado, que afirma não se preocupar em reutilizar embalagens de produtos, foi ao mercado levando sacolas reutilizáveis e fez questão de não utilizar sacola plástica no ato da compra. Um outro exemplo é o Entrevistado 8 que afirma consumir “alimentos menos industrializados possíveis” e não consumir sucos de caixinhas ou em pó, preferindo preparar o suco da fruta e sua própria comida. Afirma também que, devido ao horário de trabalho, mesmo buscando preparar seu alimento para consumir fora de casa, com frequência se alimenta em restaurantes, dizendo “comer pior, com pouca opção de verduras etc”.

Cabe salientar que, ao observarmos uma sequência de fotos de sua rotina alimentar e algumas fotografias tiradas durante o *co-cooking* (Figura 9), a complexidade supracitada pode ser evidenciada onde a primeira foto apresenta uma comida preparada em casa, no caso, um peixe assado com vegetais. A segunda foto, refeição realizada na rua, mostra uma linguiça frita bastante gordurosa. Na terceira, um café orgânico encontrado na despensa da casa do Entrevistado 8 revela a importância de não se restringir a análise a categorização única de tais hábitos de consumo.



Figura 9: Fotos da rotina alimentar do Entrevistado 8
Fonte: *Photo diary e Co-cooking*, 2019.

Dessa forma, pode ser observada a tensão entre acessibilidade, estilo de vida - horário de trabalho, rotina de locomoção urbana, configuração familiar, etc. - e escolhas conscientes, na qual fatores econômicos e disponibilidade de produtos limitam o consumo efetivamente sustentável. Essas contradições destacam a complexidade do tema e a necessidade de abordagens multifacetadas para promover mudanças comportamentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo propôs-se a compreender como as contradições atinentes ao consumo sustentável de alimentos são vivenciadas pelos consumidores de classe média no Brasil, em sua vida cotidiana. A partir de uma conjugação de técnicas, como entrevistas semiestruturadas, e de uma teia de métodos com vistas à análise etnográfica — co-shopping (comprar junto), co-cooking (cozinhar junto), co-browsing (navegar pela internet junto) e diário fotográfico da rotina alimentar —, a análise dos dados revelou que o consumo sustentável não se apresenta como uma prática linear ou isenta de ambiguidades. Pelo contrário, é um fenômeno marcado por tensões, ambivalências e negociações constantes entre valores pessoais, imposições estruturais e realidades do cotidiano.

A investigação demonstrou que, embora os consumidores sustentáveis busquem alinhar suas escolhas alimentares a princípios éticos, ecológicos e sociais, frequentemente se encontram em situações em que esses princípios colidem entre si ou com outras demandas da vida moderna. Essas contradições emergem, por exemplo, quando o desejo de consumir produtos orgânicos ou locais é confrontado com preços elevados, acesso limitado ou exigências de conveniência e tempo. Da mesma forma, a sustentabilidade percebida em determinados produtos ou práticas pode ser questionada quando considerados outros aspectos do ciclo de vida do alimento, tais como transporte, embalagem, ou as condições de trabalho dos produtores.

Um dos achados do trabalho, construído por meio de uma abordagem indutiva adotada na pesquisa, acaba por constituir uma contribuição interessante para o campo dos estudos de consumo de alimentos. Isso está relacionado ao estabelecimento de três categorias centrais de contradições: contradição consciente, contradição explícita e contradição tácita. Ou seja, o estudo não apenas identificou contradições, mas também as tipificou indutivamente por meio de uma "teia de métodos" robusta.

Tais achados corroboram a compreensão do consumo sustentável como uma prática situada, sujeita a influências contextuais e marcada por dilemas morais. Ao invés de uma escolha puramente racional ou ideologicamente coesa, o consumo sustentável de alimentos se

revela como um campo de disputa simbólica, no qual os consumidores constroem narrativas para justificar suas ações (por vezes contraditórias) e negociar suas identidades.

Dito de outra forma, este estudo avança na literatura sobre o *attitude-behaviour gap* ao demonstrar que a inconsistência no consumo alimentar não é uma falha de racionalidade individual, mas uma prática social situada e multifacetada. Enquanto a literatura tradicional (Yamoah & Acquaye, 2019) foca em inibidores objetivos como preço e disponibilidade, a tipologia aqui proposta (Consciente, Explícita e Tácita) revela a mecânica das negociações subjetivas. Os resultados mostram que o consumidor brasileiro de classe média opera em um estado de 'balança moral', onde a sustentabilidade é constantemente negociada frente a pressões de tempo, conveniência e, sobretudo, à eficácia dos discursos de mercado. Esses sujeitos mobilizam justificativas que vão desde a "balança moral" (compensações entre escolhas) até o "pragmatismo ético", o que sinaliza uma tentativa de conciliar ideais sustentáveis com limitações práticas.

A análise das contradições também permitiu lançar luz sobre as tensões das dimensões representadas pelos papéis de consumidor e de cidadão dos diversos entrevistados. Esses indivíduos, ao justificarem suas escolhas e renúncias, frequentemente mobilizaram uma racionalidade política, ética e coletiva, que ultrapassa a lógica econômica tradicional. Ao mesmo tempo, estão inseridos em uma estrutura de mercado que individualiza a responsabilidade pela sustentabilidade, deslocando o foco de transformações sistêmicas para ações individuais. Essa tensão revela a necessidade de repensar o discurso da sustentabilidade não apenas como um imperativo ético individual, mas também como uma construção coletiva que envolve políticas públicas, práticas corporativas e transformações culturais.

A análise evidencia que as contradições vivenciadas pelos sujeitos são alimentadas por um sistema que, conforme discutido por Portilho (2009, 2020), transfere a responsabilidade da crise ambiental do Estado para a “agenda da mesa da cozinha”. Nossos achados revelam que o excesso de informações corporativas e o apelo ao “consumidor responsável” não geram empoderamento, mas sim paralisia e dilemas morais profundos. A contradição Consciente, em particular, surge como um sintoma dessa sobrecarga de conhecimento que não encontra respaldo em infraestruturas públicas de segurança alimentar.

Outra questão digna de nota diz respeito à presença marcante de pressões sociais e performáticas no modo como o consumo sustentável é vivenciado pelos consumidores. Os discursos apresentados ao longo da análise dos dados ratificam a ideia de que a necessidade de demonstrar coerência ética pode gerar tanto sentimento de culpa, como de inadequação ou de ansiedade entre consumidores que não conseguem, em todos os momentos, agir de acordo com

os valores que defendem. Esse aparente paradoxo revela que o consumo sustentável, ao ser incorporado como elemento identitário, também se torna um espaço de vigilância e julgamento, tanto interno quanto externo. Isso implica considerar o papel das normas sociais e dos discursos midiáticos na construção de uma “sustentabilidade idealizada” que, muitas vezes, está distante da realidade vivida por grande parte da população, mesmo considerando que o perfil de consumidores pesquisados é de classe média de uma grande capital brasileira.

Em termos práticos, e de interesse para os formuladores e executores de políticas públicas, os resultados do estudo apontam para a importância de políticas e estratégias que reconheçam a complexidade do comportamento do consumidor sustentável. Campanhas educativas, por exemplo, devem evitar a culpabilização ou a moralização das escolhas alimentares, promovendo, em vez disso, um engajamento crítico e informado, que valorize os esforços possíveis e contextualizados. Do mesmo modo, empresas e marcas que atuam no mercado de alimentos sustentáveis precisam reconhecer as ambiguidades dos consumidores e oferecer soluções que conciliem valores éticos com acessibilidade, praticidade e transparência.

Outro ponto relevante diz respeito à necessidade de ampliar o debate sobre sustentabilidade alimentar para além do consumo individual. Questões como justiça alimentar, soberania dos povos, segurança nutricional e o impacto das cadeias produtivas globais devem compor o repertório das discussões sobre consumo sustentável, evitando que se reduzam a um conjunto de escolhas de consumo isoladas. Isso implica um olhar interseccional e sistêmico, que considere as dimensões sociais, econômicas, culturais e ambientais do sistema alimentar, o que está em linha com a perspectiva que privilegia as dimensões sociais e culturais do consumo.

Em termos de contribuição para o cenário brasileiro, o trabalho evidencia que o enfraquecimento das políticas regulatórias de segurança alimentar e nutricional impulsiona o cidadão para negociações isoladas no mercado privado. Diferentemente do Norte Global, o ativismo alimentar no Brasil revela um desconforto com a categoria “consumidor”, sugerindo que a transformação do sistema agroalimentar exige mais do que escolhas individuais; pelo contrário, requer o fortalecimento do poder regulatório do Estado e a superação das ineficiências sistêmicas que o marketing verde tenta mascarar.

Estudos futuros podem aprofundar a compreensão das contradições no consumo sustentável de alimentos ao explorar outros grupos sociais e contextos culturais, especialmente populações de baixa renda e realidades fora dos grandes centros urbanos. Ademais, investigações comparativas entre países ou entre diferentes formatos de varejo alimentar podem contribuir para identificar como arranjos institucionais, políticas públicas e estratégias de mercado intensificam ou atenuam tais contradições. Complementarmente, pesquisas

longitudinais e abordagens que integrem perspectivas do varejo, da indústria e do Estado podem avançar na compreensão do consumo sustentável como um fenômeno sistêmico, evitando sua redução a escolhas individuais isoladas.

Por fim, este estudo reforça a importância de abordar o consumo sustentável não como um estado a ser alcançado, mas como um processo em constante construção, permeado por aprendizados, tensionamentos e ressignificações. As contradições identificadas não devem ser vistas como falhas dos consumidores, mas como sintomas de um sistema que impõe dilemas éticos sem oferecer condições equânimes para enfrentá-los. Reconhecer essas contradições é, portanto, um passo fundamental para construir caminhos mais realistas, inclusivos e transformadores no campo da sustentabilidade alimentar. Ou seja, o tema é complexo, multifacetado e merecedor de continuar a ser escrutinado pelos pesquisadores do consumo.

REFERÊNCIAS

Afonso, M. H. F., Bornia, A. C., Echegaray, F., & Andrade, D. F. (2016). Comportamento de Consumo Sustentável: Mensuração com o Uso da Teoria da Resposta ao Item. *Gestão.Org*, 14, 16-29. doi: <http://dx.doi.org/10.21714/1679-18272016v14Esp.p16-29>

Ammann, J., Arbenz, A., Mack, G., Nemecek, T., & El Benni, N. (2023). A review on policy instruments for sustainable food consumption. *Sustainable Production and Consumption*, 36, 338–353. doi: <https://doi.org/10.1016/j.spc.2023.01.012>

Azzurra, A., Massimiliano, A., & Angela, M. (2019). Measuring sustainable food consumption: A case study on organic food. *Sustainable Production and Consumption*, 17, 95-107. doi: <https://doi.org/10.1016/j.spc.2018.09.007>

Benton, T., & Bailey, R. (2019). The paradox of productivity: Agricultural productivity promotes food system inefficiency. *Global Sustainability*, 2, e6. doi: <https://doi.org/10.1017/sus.2019.3>

Charmaz K. (2009). *A Construção da Teoria Fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed; 2009.

Costa Filho, F. C., Oliveira, L. V. C., Lima, D. S. V. R., & Silva, C. R. M. (2021). Consumo sustentável: uma análise da produção científica internacional. *REUNIR Revista De Administração Contabilidade E Sustentabilidade*, 11(1), 56-67. doi: <https://doi.org/10.18696/reunir.v11i1>

Creswell, J. W. (2014). *Investigação Qualitativa & Projeto de Pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. (3. ed.) Porto Alegre: Penso Editora.

Dias, S., & Teodósio, A. (2012). Controvérsias em torno do consumo e da sustentabilidade: uma análise exploratória da literatura. *AOS, Brazil*, 1(2), 61-77. doi: <https://doi.org/10.17800/2238-8893/aos.v1n2p61-77>

Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman.

Kovács, I. (2020). Sustainable food consumption intentions related to food safety among young adults. *Analecta Technica Szegedinensia*, 14(2), 26–34. doi: <https://doi.org/10.14232/analecta.2020.2.26-34>

Longo, C., Shankar, A., & Nuttall, P. (2017). “It’s Not Easy Living a Sustainable Lifestyle”: How Greater Knowledge Leads to Dilemmas, Tensions and Paralysis. *Journal of Business Ethics* 154, 759–779. doi: <https://doi.org/10.1007/s10551-016-3422-1>

Madureira, T., Nunes, F., Veiga, J., & Saralegui-Diez, P. (2021). Choices in Sustainable Food Consumption: How Spanish Low Intake Organic Consumers Behave. *Agriculture*, 11, 1125. doi: <https://doi.org/10.3390/agriculture11111125>

Mariani, M., Cerdan, C., & Peri, I. (2021). Origin food schemes and the paradox of reducing diversity to defend it. *Sociologia Ruralis*, 61(1), 25–46. doi: <https://doi.org/10.1111/soru.12330>

Migliori, G. (2021). Sustainable Food Consumption Practices: Insights into Consumers’ Experiences. *Sustainability*, 13(11), 5979. doi: <https://doi.org/10.3390/su13115979>

Moruzzi, R., & Sirieix, L. (2015). Paradoxes of sustainable food and consumer coping strategies: A comparative study in France and Italy. *International Journal of Consumer Studies*, 39(5), 525–534. doi: <https://doi.org/10.1111/ijcs.12228>

Nguyen, H. V., Nguyen, N., Nguyen, B., & Greenland, S. (2021). Sustainable food consumption: Investigating organic meat purchase intention by Vietnamese consumers. *Sustainable Production and Consumption*, 31, 507–516. doi: <https://doi.org/10.3390/su13020953>

Pålsson, H., & Hellström, D. (2022). Packaging paradoxes in food supply chains: Exploring characteristics, underlying reasons and management strategies. *International Journal of Physical Distribution & Logistics Management*, 50(1), 48–69. doi: <https://doi.org/10.1108/IJPDLM-09-2019-0270>

Patton, M. Q. (2015). *Qualitative Research & Evaluation Methods*. 4^a ed. Sage Publications, 2015.

Pinto, M. R., & Santos, L. L. S. (2012). A Grounded Theory como abordagem metodológica: relatos de uma experiência de campo. *Organizações & Sociedade*, 19(62), 417–436. doi: <https://doi.org/10.1590/S1984-92302012000300003>

Portilho, F. (2009). Novos atores no mercado: movimentos sociais econômicos e consumidores politizados. *Política & Sociedade*, 8(15), 199–224. doi: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2009v8n15p199>

Portilho, F. (2020). Ativismo alimentar e consumo político – Duas gerações de ativismo alimentar no Brasil. *Redes*, 25(2), 411–432. doi: <https://doi.org/10.17058/redes.v25i2.15088>

Reisch, L., Eberle, U., & Lorek, S. (2013). Sustainable food consumption: an overview of contemporary issues and policies. *Sustainability: Science, Practice and Policy*, 9(2), 7–25. doi: <https://doi.org/10.1080/15487733.2013.11908111>

Santos, M. M., & Marques, P. E. M. (2021). Locavorismo: uma análise de suas contradições à luz de experiências de agricultura urbana em São Paulo. *Estudos Avançados*, 35(101), 257-267. doi: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.016>

Verain, M., Onwezen, M., Sijtsema, S., & Dagevos, H. (2016). The added value of sustainability motivations in understanding sustainable food choices. *Applied Studies in Agribusiness and Commerce*, 10(2–3), 67–76. doi: <https://doi.org/10.19041/APSTRACT/2016/2-3/8>

Vermeir, I., Weijters, B., De Houwer, J., Geuens, M., Slabbinck, H., Spruyt, A., Van Kerckhove, A., Van Lippevelde, W., De Steur, H., & Verbeke, W. (2020). Environmentally Sustainable Food Consumption: A Review and Research Agenda From a Goal-Directed Perspective. *Frontier of Psychology*, 11, 1603. doi: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01603>

Yamoah, F. A., & Acquaye, A. (2019). Unravelling the attitude-behaviour gap paradox for sustainable food consumption: Insight from the UK apple market. *Journal of Cleaner Production*, 217, 172–184. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2019.01.094> [Get rights and content](#)